

## **O Jornalismo Literário em Eliane Brum: Estudo das vozes nas colunas do site *El País Brasil*<sup>1</sup>**

Luan Pazzini MENDONÇA<sup>2</sup>

Anelise Zanoni CARDOSO<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo compreender como a jornalista e escritora Eliane Brum inclui outras vozes em seus artigos de opinião publicados no site do jornal *El País Brasil* e utilizando técnicas do jornalismo literário. O estudo se propõe a analisar, a partir de sete características do jornalismo literário (exatidão e precisão, humanização, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade, e responsabilidade ética), quais são as vozes e os discursos presentes nos textos. Utilizamos a Análise do Discurso Francesa (AD) para atingirmos o objetivo e foram escolhidos três artigos para análise. Como resultado, por meio de seqüências discursivas (SDs), percebemos que a jornalista traz para os textos predominantemente as vozes do oprimido e do opressor.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; Eliane Brum; *El País Brasil*; Estudo das Vozes; Análise de Discurso.

### **Introdução**

No trabalho diário de um jornalista pode estar o desafio de vivenciar diferentes realidades e transformá-las em narrativas com profundidade, o que traz a essência do jornalismo literário, tema desta pesquisa. Com o objetivo de compreender como a jornalista Eliane Brum incluiu outras vozes em seus textos opinativos no site do jornal *El País Brasil* – utilizando técnicas do jornalismo literário – foram analisados dois artigos.

O jornalismo literário normalmente é desenvolvido em reportagens, e não em textos de opinião, como é o caso dos que foram analisados. Neste caso, o fio condutor entre a história contada e o leitor é a escritora Eliane Brum. É na figura dela que se concentra esta pesquisa. O fato de existirem poucos veículos de comunicação impressos

---

1 Trabalho apresentado no IJ 1 - Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

2 Estudante do 9º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e-mail: luanpazzini1@gmail.com.

3 Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e graduada em Jornalismo pela mesma universidade, e-mail: anezanoni@gmail.com

que publiquem regularmente textos jornalístico-literários traz relevância ao estudo. Outro ponto importante é o conhecimento (muitas vezes limitado) da classe acadêmica acerca do assunto, especialmente numa época em que o estilo predominante de leitura são os textos pequenos.

A partir da leitura de grandes reportagens, nasceu a inquietação e o desejo de descobrir qual é a linha condutora usada pela autora para narrar histórias, como são escolhidos os personagens e quais são as técnicas usadas. Além disso, já sabia-se que esses textos utilizavam elementos do jornalismo literário.

Para realizar a pesquisa foi utilizada a análise do discurso francesa (AD), a partir das autoras Marcia Benetti (2008) e Eni Orlandi (2000). Abordamos os conceitos teóricos da AD, especialmente aqueles relacionados ao estudo das vozes. Na análise identificamos Sequências Discursivas (SDs) nos dois textos selecionados. Após a apresentação de cada grupo de Sequências Discursivas, fizemos, primeiramente, considerações mostrando quais técnicas do jornalismo literário foram utilizadas por Eliane Brum. Em um segundo momento, realizamos a análise das vozes presentes.

Mostramos também as vozes e os discursos que foram identificados nos textos selecionados para, posteriormente, fazermos as nossas considerações sobre a forma como Eliane Brum apresenta suas fontes.

### **Jornalismo literário**

No Brasil, a prática do jornalismo literário ficou famosa após ser usada pelos jornalistas da Revista Realidade e do Jornal da Tarde, que resolveram apostar em um jornalismo que ia além das aparências e mergulhava a fundo nos fatos, gerando textos criativos, que exploravam o lado autoral dos jornalistas, e ao mesmo tempo exigiam dos profissionais um olhar apurado na apresentação de dados minuciosos.

O uso de elementos da literatura no texto jornalístico feito por escritores talentosos como Euclides da Cunha (“Os Sertões”) e o jornalista e escritor João do Rio, com a obra “A Alma encantadora das ruas”, que para Medina (1988, p.28) levantou questões até hoje discutidas como “onde termina o jornalismo e começa a literatura, ou onde termina a literatura e começa o jornalismo, para não ser parcial”.

Conforme Lima (2012, p. 36), o jornalismo literário pode ser caracterizado pelo “uso de marcas características da literatura no jornalismo, como as figuras de linguagem, a profunda contextualização e até a digressão.” Para Assis (2014), o

jornalismo literário aparece na construção de um texto cena a cena, mostrando os registros de diálogos completos.

Para Pena (2013), o texto jornalístico literário não significa a fuga dos manuais de redação ou apenas o exercício da veia literária, trata-se de um exercício complexo que requer tempo. “Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes do lead e evitar os definidores primários” (PENA, 2013, p. 13).

Criado para contar fatos reais, o jornalismo literário conta histórias com desenvoltura e elegância. Apresenta acontecimentos e sujeitos menos previsíveis, buscando como primazia a apuração dos fatos, usando a sensibilidade para, no final, levar ao público textos que dimensionam e valorizam a essência do jornalismo: relatar fatos sobre pessoas e suas experiências de vida. Necchi (2007) apresenta a ideia de que é importante no jornalismo a arte de contar boas histórias.

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade. Os sentidos do repórter se encontram permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos. (NECCHI, 2007, p. 6-7).

Segundo Lima (2010), o jornalismo literário tem estilo diferenciado da prática de reportagem e do ensaio e ocupa lugar especial na cultura contemporânea. Necchi (2007) ressalta que o jornalista é um observador e tem como função mostrar o que foi visto e o que não foi visto numa reportagem. “Pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela atitude.” (NECCHI, 2007, p. 6).

O encolhimento das redações também pode ser um problema agravador para esses acontecimentos e o surgimento de concorrências como rádio, internet, televisão e celulares ajudam no problema que é a falta de apuração dos fatos. Boas (2007, p. 10) afirma que Jornalismo Literário é uma técnica. Por outro lado, talvez o jornalismo literário tenha sido criado com o propósito de oferecer o que Lima (2010, p. 17) chama de “experiência simbólica da realidade.” Em textos jornalísticos literários o modo mais importante para o leitor é a cena:

[...] porque, ao apelar para a visão, tem chances melhor de atrair o leitor, seduzindo-o para dentro do texto [...] a cena é um recurso narrativo para acessar essa disposição natural que temos de nos sentirmos atraídos pelo que apela à nossa visão. (LIMA, 2010, p. 17).

Para Necchi (2007, p. 5), o jornalismo literário tem como objetivo “instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor”. Para Lima (2009), essa técnica jornalística sofreu transformações significativas com o tempo, mas o prazer de proporcionar uma narrativa carregada de detalhes para seus leitores continua como prioridade. Uma vez publicada, a notícia não passará de um ponto de vista sobre um assunto, com interpretação própria, por mais elaborada que seja. Para Pena (2013, p. 14) “a preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível.”

### **Eliane Brum**

A jornalista Eliane Brum contribui para repensar alguns conceitos que são montados a partir destes dois campos de conhecimentos importantes: o jornalismo e a literatura. Ambos ainda necessitam de muitas discussões, pois é preciso continuar avaliando as proximidades, similaridades e diferenças que qualificam os textos da jornalista como narrativas de vidas.

A jornalista narra e conta histórias como ninguém. Apresenta linguagem que faz o leitor ler e pensar. Destaca-se pela alta qualidade dos textos publicados, porque pensa e expõe cada detalhe, levando o leitor a se sentir dentro da cena.

Eliane Brum (2006, p. 187) relata que enxerga o mundo por meio de uma lente de alta definição e que é uma pessoa que escuta e escreve. “Gosto de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.”

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, a escritora e jornalista conta no livro *Meus Desacontecimentos*, publicado em 2014, que, no início, sua vida era uma grande escuridão. Ela conta que gostava de ler, embora não simpatizasse com os jornais, porque não tinha gente. Brum (2014, p. 87) lembra ainda que “Glória, Glória, aleluia!” foi a sua primeira frase lida. “Estava na tradicional missa de sábado com a família. De repente, juntei uma letra com a outra no folheto da igreja. Gritei, interrompendo o padre: “glória glória aleluia mãe, eu li! Minha estreia foi assim, sem vírgulas.”

Aos 11 anos, morando em Ijuí, Brum (2014) lançou seu primeiro livro, com título criado pelo seu pai, chamado *Gotas da infância*, com capa criada pela própria autora. “O livro foi lançado no salão do Clube Ijuí numa noite de casa cheia. Uma multidão de amigos dos meus pais compareceu para prestigiar minha sessão de

autógrafos. Pela primeira vez, eu, a menina esquisita dos cantos escuros, estava iluminada” (BRUM, 2014, p. 130).

Antes mesmo de decidir cursar Jornalismo, Eliane prestou vestibular para informática e biologia, chegou há cursar alguns semestres a graduação em história. Após iniciar o curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), a escritora pensou em desistir da área, mas foi convencida por um de seus professores a continuar. Iniciou como repórter estagiando na editoria de polícia do jornal Zero Hora, em 1988, ano em que concluiu a graduação.

Em novembro de 2013, a jornalista foi convidada para ser colunista no site brasileiro do *El País*, lançado no mesmo ano. Decidida a não escrever mais artigos semanais, para se dedicar exclusivamente aos livros reportagens, não titubeou com o convite. “Quando o convite chegou, eu estava enfiada numa casa de praia, terminando *Meus Desacontecimentos*. Como a proposta era de total autonomia e como sempre gostei muito do *El País*, aceitei, desde que a periodicidade fosse quinzenal” (BRUM, 2016).

Sua estreia no *El País* aconteceu no dia 26 de novembro de 2013, ao publicar um artigo de opinião intitulado Dois Josés e um Amarildo. No texto a autora falou sobre a prisão dos petistas. Para ela, algo diferente, um sinal abatido representava o braço erguido de José Dirceu e José Genoïno, presos por corrupção.

### **Características Do Texto Jornalístico-Literário**

Para fazer esta pesquisa foram utilizadas algumas características defendidas por Lima (2009), Pena (2006) e Ferreira Júnior (2003). No desdobramento das características, optou-se por utilizar sete delas. As características escolhidas para este artigo são: exatidão, humanização, universalização temática, estilo próprio, imersão, criatividade, e responsabilidade ética.

Para facilitar o entendimento e organizar as classificações escolhidas, elaboramos um quadro (Figura 1) com as principais ideias defendidas pelos autores:

	Edvaldo Pereira Lima	Felipe Pena	Carlos Rogé Ferreira Júnior
<b>Exatidão</b>	Supostamente presente em todas formas de fazer jornalismo, esta característica é bastante desafiadora.	É uma característica básica e obrigatória. Podem ser desenvolvidas novas estratégias, mas a base está nas técnicas narrativas e das práticas do jornalismo diário.	Deve ser criativa e desafiadora. É também muito mais cativante para o leitor
<b>Humanização</b>	Devem ser encontrados em uma boa narrativa, protagonistas e personagens humanos tratados com cuidado e lucidez equilibrada.	É ultrapassar os limites dos fatos cotidianos rompendo com a periodicidade e a atualidade.	Devem ser evitados os estereótipos. As pessoas não devem ser tratadas como fontes, mas como personagens da narrativa, podendo o autor também poder dar sua opinião.
<b>Universalização Temática</b>	Os assuntos tratados estão quase sempre encaixados nas suas diferentes áreas de especialização.	O jornalista literário deve transcender o espaço de tempo do acontecimento imediato abordando temas forma mais abrangente possível.	O jornalista literário cria um sistema de causa e consequência, ao contrário do enfoque linear do jornalismo informativo.
<b>Estilo próprio</b>	Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável.	O texto sai do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte.	As temáticas devem ser universais, não ligada a tema temporal, fugindo do estreito círculo das fontes legitimadas.
<b>Imersão</b>	O autor precisa mergulhar na própria história, ir a campo, ver, sentir, cheirar apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens.	É preciso criar alternativas, dar voz ao cidadão comum, preencher lacunas, ouvir pontos de vistas que foram abordados.	Buscar a realidade dos personagens indo pra rua, lugares que nenhum outro repórter possa ter ido.
<b>Criatividade</b>	É a capacidade traz possibilidades de gerar coisas novas, de promover sentimentos e interesse do público.	Romper com as correntes do lead, aplicando técnicas literárias, evitando assim pasteurização do texto.	
<b>Responsabilidade ética</b>	O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disto.	Como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade, a responsabilidade ética é essencial.	Aponta que a responsabilidade ética abordada no jornalismo literário é prática engajada.

Figura 1 – Características do texto Jornalístico-Literário

### **Analisando Os Artigos De Opinião Publicados Do *El País Brasil***

Para compreender como a jornalista e escritora Eliane Brum inclui outras vozes em seus artigos de opinião publicados na coluna no jornal *El País Brasil*, utilizando técnicas do jornalismo literário, será utilizada nesta pesquisa a metodologia da Análise de Discurso francesa (AD). A AD não utiliza como objeto de pesquisa a língua ou a gramática, mas o discurso. Para Orlandi (2000, p. 15), “a Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso.”

O discurso, se pensado como dialógico, leva a compreender que o texto está inserido na história, pois ele só faz sentido dentro de um contexto, com vozes – explícitas ou não – que fazem sentido naquele contexto. Para Benetti (2010), para se compreender um discurso, então, deve-se pensar em seus aspectos culturais e sociais.

Se o vemos deste modo, necessariamente somos obrigados a abandonar uma outra visão ingênua, a de que o discurso poderia ser analisado sem considerar o contexto de produção de sentidos. Sabemos que a relação entre linguagem e exterioridade é constitutiva do discurso. (BENETTI 2010, p. 108-109).

A análise de discurso busca, portanto, desvendar nos textos os seus diferentes significados, tendo como base a realidade própria e significativa. A AD, conforme Orlandi (2000, p. 15), estuda os sentidos, a capacidade que um discurso ou texto tem de gerar diferentes significados. “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.”

Complementando, Benetti (2010, p. 109) diz que a AD tem como preocupação o estudo dos movimentos e sentidos. “Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim como dizer, também interpretar está afetado por sistemas de significação.” Sendo assim, a AD busca trabalhar não com o conteúdo do texto e sim com o sentido que ele produz.

Para a análise de discurso, a transmissão de informação não tem uma linearidade na disposição dos dados da comunicação. A comunicação não é um processo onde alguém fala, referindo-se a alguma coisa e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Ela causa o efeito que Orlandi (2000, p. 21) chama de “produção de sentidos,” diferente de uma simples transmissão de informação.

Michel Pêcheux foi o principal fundador da AD, na década de 60, na França. Conforme Orlandi (2000, p. 19), o contexto da época em que foi criada fez com que a AD se constituísse “[...] pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, a Marxismo e a Psicanálise.”

Benetti (2008) relata que o dizer está relacionado ao sujeito, não tendo necessariamente a origem nele. Assim, voltamos à noção de que várias vozes constituem um discurso, ou seja, a memória, o contexto, a história e outros discursos sempre estarão presentes na constituição de um novo discurso, mesmo que o sujeito possa acreditar que é ele quem está produzindo aquele discurso pela primeira vez.

Ainda conforme Benetti (2010, p.116), existem pelo menos dois importantes níveis para se estudar as vozes em um discurso. No primeiro, três sujeitos diferentes são

analisados: o locutor, o alocutário e o delocutário. “O locutor é aquele “que fala” – não apenas o falante, mas os sujeitos que falam por meio dele; temos um locutor autor, por assim dizer, e os locutores a quem ele dá voz por meio de sua fala, no discurso indireto”. O alocutário é aquele para quem o texto se dirige, e o dealocutário é aquele de quem se fala. Entretanto, esse nível de percepção das vozes presentes em um discurso não permite um maior aprofundamento do estudo.

### **Procedimentos Metodológicos**

Para fazer a análise das vozes presentes nos artigos de Eliane Brum tentaremos identificar os locutores e os enunciadores presentes em cada um. A abordagem será feita por meio da análise de Sequências Discursivas (SDs) dos textos, que são trechos que o analista recorta para encontrar pistas que respondam aos seus objetivos de análise.

Além da metodologia de pesquisa Análise de Discurso francesa (AD), na análise aqui proposta, serão identificadas características defendidas por Lima (2009), Pena (2006) e Ferreira Júnior (2003) como marcas do jornalismo literário.

O primeiro artigo escolhido é “Como se fabricam crianças loucas” (março 2014) conta a história de três crianças consideradas loucas por suas famílias e narra o processo de descoberta de Flávia Blikstein, psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, localizado no hospital psiquiátrico Pinel, em São Paulo. O segundo, intitulado “Mãe, ondem dorme as pessoas marrons?” (junho 2015) conta histórias de crianças que crescem, devido à falta de segurança, protegidas por muros de concretos e que são vigiadas por câmeras 24 horas por dia.

Os dois artigos foram escolhidos por tratar de temas bastante diferenciados, por terem sido publicados em épocas diferentes e por terem vozes explícitas presentes.

### **Análise**

Para realizar a análise, destacamos sequências discursivas nos dois textos. As sequências discursivas (SDs) foram numeradas de forma crescente em cada um dos dois textos escolhidos. Primeiramente, após cada grupo de sequências discursivas, faremos considerações mostrando quais técnicas do jornalismo literário foram utilizadas por Eliane Brum. Em um segundo momento, faremos a análise das vozes.

### **A utilização de técnicas do Jornalismo Literário**

*Texto 1: Como se fabricam crianças loucas (17/03/2014)*

Flávia trabalhava num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, em São Paulo, e encontrava-se na ambulância para levar a garota para sua primeira internação psiquiátrica. Maria, como aqui será chamada, tinha 14 anos. Era negra, alta e magra. Falava pouco, frases curtas. Gostava de brincar de boneca e de desenhar. Às vezes pintava as unhas, arrumava o cabelo, anunciando a adolescência. Maria se molhava o tempo todo, em pequenos rituais. Abria a torneira, fazia uma conchinha com as mãos e molhava os pés, as pernas, os braços. Fazia isso em qualquer lugar, causando vergonha à mãe. Talvez Maria estivesse esculpindo com a água os limites do próprio corpo. **(SD01)**

A “menina louca” tinha indagado sobre a estrutura do Estado e da sociedade que a obrigava a dar o primeiro passo para dentro de uma instituição psiquiátrica. Talvez Maria intuísse que esse passo poderia ser longo. Talvez Maria adivinhasse que os dentes do sistema estavam à sua espera, logo ali. **(SD02)**

O que Maria perguntou à Flávia, perguntou a todos nós: por que, no século 21, crianças e adolescentes brasileiros, a maioria filhos de famílias pobres, continuam a ter suas vidas mastigadas num hospital psiquiátrico. A “criança louca” fez aos normais a pergunta mais lúcida: por que a condenavam a uma existência de manicômio. **(SD03)**

Duas crianças, que se transformaram em adolescentes no hospital psiquiátrico, contaram histórias que poderiam ilustrar livros escabrosos sobre os manicômios do passado, mas que se passaram na primeira década desse século. Aqui, elas serão chamadas de José e de Raquel. José permaneceu confinado por 1271 dias – ou três anos e cinco meses. Raquel, por 1807 dias. Ficou trancada dos 11 aos 16 anos – e de lá foi transferida para outra instituição psiquiátrica. José e Raquel estavam segregados no Pinel, a mando da Justiça, sob reiterados protestos da equipe técnica. Foram depositados como coisas no Pinel porque ainda é este o destino dado a crianças como eles no Brasil. **(SD04)**

“Medievais”, “desumanos” e “criminosos”. Essas são algumas das palavras usadas para definir os hospícios desde que a luta antimanicomial se intensificou a partir do final dos anos 1970 e conquistou avanços significativos nesse século. **(SD05)**

Na SD 04, Eliane utiliza o que Pena (2006) e Lima (2009) afirmam ser fundamental no jornalismo literário: exatidão e precisão. Na SD04 duas crianças são apresentadas; com nomes fictícios. Eliane também diz quanto tempo que cada uma viveu no hospital psiquiátrico. A autora narra com tristeza a história dessas crianças, consideradas loucas.

Uma boa narrativa, para Lima (2009), só se justifica se nela forem encontrados protagonistas e personagens humanos tratados com devido cuidado. Pena (2006) afirma que é importante abordar temas que ultrapassem os limites dos acontecimentos cotidianos. Essas características estão presentes nas SDs 02 e 05. Na SD02, Eliane, ao relatar a indagação da “menina louca” sobre a estrutura do Estado e da sociedade, e na

SD05 apresentando as palavras “Medievais”, “desumanos” e “criminosos”, busca mostrar o quão frágil e precário é a estrutura do sistema psiquiátrico no Brasil.

O uso de um estilo próprio pode ser claramente identificado nas SDs 01 e 03. Lima (2009) e Pena (2006) afirmam que uma boa narrativa real deve ser contada com desenvoltura, saindo do superficial. Na SD 01, para apresentar Maria, Eliane utiliza frases curtas. Ao dizer que a menina “era negra, alta e magra”, Eliane utiliza metáforas e o estilo próprio de escrita.

Pena (2006) e Lima (2009) afirmam que a imersão, em um texto jornalístico literário, pode aparecer na fala do cidadão comum ou de uma fonte anônima. Eliane, ao apresentar os rótulos impostos à menina que chama de Raquel como, “filha de presidiária, abandonada, agressiva e não dá certo”, busca denunciar preconceitos e julgamentos a partir da própria realidade.

*Texto 2: “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?” (22/07/2015)*

Uma amiga me conta, na volta de uma viagem a Paris com a família: “Só quando estava lá é que percebi que minha filha estava, literalmente, andando na rua pela primeira vez.” A menina tem quatro anos. Classe média. Mora em São Paulo, num condomínio fechado. **(SD06)**

De muro em muro, a criança passou os primeiros quatro anos de vida sem pisar na rua, a não ser por breves e arriscados instantes. E apenas quando a rua não pôde ser evitada. E apenas como percurso rápido, temeroso, entre um muro e outro. **(SD07)**

Outra mãe, esta de um menino, ficou sem respostas diante de duas perguntas sequenciais do filho pequeno: “Por que ela é marrom?”, o menino perguntou, referindo-se à empregada. E, logo em seguida: “Onde dormem as pessoas marrons?”, já que as “pessoas marrons” deixavam os muros no final do dia, tanto na casa dela quanto na casa dos amiguinhos, mas ele não sabia para onde iam. Outro condomínio? **(SD08)**

Mais preocupados devemos ficar quando a resposta da Câmara dos Deputados à violência se encaminha para a redução da maioria penal, de 18 para 16 anos, nos crimes considerados mais graves. O que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo? **(SD09)**

Quando conseguirem encarcerar todos os filhos de pobres que não puderam converter em mão de obra barata, talvez prendendo logo no nascimento, já que o aborto é condenado pelos mesmos que defendem a redução da maioria penal, há de se encontrar uma nova ameaça para manter o sistema de privilégios intacto. **(SD10)**

Nas SDs 06 e 08 a exatidão, característica importante em textos jornalísticos literários, está presente. Na SD06, ao narrar o fato de que uma criança de quatro anos nunca tinha botado os pés na rua no Brasil, a autora expressa claramente a característica que Ferreira Junior. (2003) destaca como fundamental em uma boa narrativa. Na SD08,

Eliane apresenta a fala da criança que diz não saber “onde dormem as pessoas marrons” e complementa: “por que ela é marrom?”. Nesse caso, ela utiliza técnicas como: apuração rigorosa e observação atenta, técnicas que Pena (2006) afirma ser importantes no jornalismo literário.

Na SD06 uma técnica que Lima (2009) e Pena (2006) afirmam importante de estar presente em uma boa narrativa real: apresentar personagens humanos com cuidado e lucidez equilibrada. Na SD06, ao abordar problemas sociais como racismo, maioria penal e aborto, a autora confirma o que os autores falam sobre as temáticas normalmente tratadas pelo jornalismo literário. A humanização na frase “talvez prendendo logo no nascimento, já que o aborto é condenado pelos mesmos que defendem a redução da maioria penal,” traz a opinião clara da autora sobre o tema, mostrando a sua preocupação com essas questões sociais.

Das SDs 06 a 10, a narrativa de Eliane transcende o espaço de tempo, criando um sistema de causas e consequências, que Lima (2009), Pena (2006) e Ferreira Junior. (2003) afirmam ser o caminho inverso do enfoque linear do jornalismo informativo. A universalização temática é característica presente no texto.

Dar voz a quem não tem, humanizar o texto e incluir a realidade dos personagens são características que Ferreira Junior. (2003) afirma serem importantes de estarem presentes em uma narrativa, conforme aparece em várias sequências e, especialmente, na SD18.

Na SD07, encontramos o que Lima (2009) e Pena (2006) afirmam ser requisito importante em um texto atraente ao leitor: a criatividade. Eliane narra de forma única o fato de uma criança de quatro anos nunca ter pisado na rua. “De muro em muro, a criança passou os primeiros quatro anos de vida sem pisar na rua”.

Uma reportagem em profundidade necessita de responsabilidade ética. Na SD09 são apresentadas informações apuradas pela autora e ela nos faz refletir ao perguntar: “o que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo?”. Lima (2009) lembra que o jornalismo literário tem compromisso com a realidade e Ferreira Junior. (2003), que a ética abordada no JL é prática engajada.

### **As vozes presentes nos textos**

Nesta segunda etapa da análise, mostraremos primeiro as vozes que foram identificadas nos textos selecionados para, posteriormente, fazermos as nossas considerações sobre a forma como Eliane Brum apresenta suas fontes.

---

Identificaremos a presença das vozes nos textos, denominando-as como locutores, de acordo com a definição de (DUCROT apud BENETTI, 2010).

*No Texto 1, identificamos a presença das seguintes vozes:*

Locutor 1: Eliane Brum.

Locutor 2: Psicóloga Flávia Blikstein.

Locutor 3: Maria, identificada com nome fictício, pois tinha 14 anos.

Locutor 4: Equipe técnica do Hospital Psiquiátrico Pinel, de São Paulo.

Locutor 5: Sistema Judiciário.

*No Texto 2, identificamos a presença das seguintes vozes:*

Locutor 1: Eliane Brum.

Locutor 2: Amiga da autora, identificada como mãe de uma menina.

Locutor 3: Personagem identificada como Mãe de um menino.

Locutor 4: Christian Dunker, psicanalista.

Locutor 5: Carta coletiva, escrita por um grupo composto por mulheres, a maioria negras, pobres e periféricas, chamado “Movimento Mães de Maio”.

Nos textos analisados, é possível afirmar que Brum (2006) tem preferência por contar histórias em que os protagonistas são pessoas comuns, que não têm voz na mídia tradicional. Mas também outros locutores são ouvidos. Ao apresentar diversas vozes em seu texto, Eliane garante credibilidade às suas opiniões e torna as narrativas polifônicas, característica que Benetti (2010) destaca ser importante estar presente no jornalismo, por se tratar de um campo de interação, que tem como essência a pluralidade.

A jornalista, ao narrar suas histórias, convida o leitor, por meio da identificação, a ter opinião sobre o assunto. Busca conexão direta com a realidade, abordando assuntos polêmicos, mostrando diferentes pontos de vista em textos, então, polifônicos.

Ao nos aprofundarmos na análise, entretanto, buscamos perceber quantos enunciadores estavam presentes nos textos de opinião de Eliane Brum. Ou seja, para que eles possam ser considerados polifônicos precisam apresentar mais do que um enunciador. Não basta ter vários locutores, é necessário que eles realmente apresentem pontos de vista diversos, tornando-se enunciadores.

Dividimos as vozes apresentadas nos dois textos, então, em dois enunciadores principais que denominamos Voz do Oprimido e Voz do Opressor, de acordo com os seus pontos de vista em relação ao tema tratado em cada um dos textos. No Texto 2, identificamos também uma Voz Neutra, que não se posiciona em relação ao assunto tratado.

*No Texto 1, podemos dividir os locutores nesses dois enunciadores abaixo:*

Voz do Oprimido: Locutor 1: Eliane Brum, Locutor 2: Psicóloga Flávia Blikstein e Locutor 3: Maria, identificada com nome fictício, pois tinha 14 anos e Locutor 4: Equipe técnica do Hospital Psiquiátrico Pinel, de São Paulo.

Voz do Opressor: Locutor 5: Sistema Judiciário.

Os enunciadores que representam a Voz do Oprimido defendem que toda a criança, desde seu nascimento, tem direito a viver em uma família e questionam a forma como são aplicadas as diretrizes da política de saúde mental no Brasil para crianças e adolescentes. Já os enunciadores da Voz do Opressor, sem emitir diagnósticos precisos referentes às doenças mentais, trancam crianças nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPs) e manicômios, tirando o direito de serem inseridas em uma comunidade.

*No Texto 2, podemos dividir os locutores nos três enunciadores abaixo:*

Voz do Oprimido: Locutor 1: Eliane Brum, Locutor 5: Carta coletiva, escrita por um grupo composto por mulheres, a maioria negras, pobres e periféricas, chamado “Movimento Mães de Maio”.

Voz do Opressor: Locutor 2: Amiga da autora, identificada como mãe de uma menina. Locutor 3: Personagem identificada como Mãe de um menino.

Voz Neutra: Locutor 4: Christian Dunker, psicanalista.

Os enunciadores que representam a Voz do Oprimido defendem o direito de igualdade entre as pessoas. Abordam temas como racismo, intolerância religiosa e diferença social. Já os enunciadores da Voz do Opressor não permitem que crianças de classe média alta tenham contato com pessoas de diferente classe social e criticam a falta de segurança nas ruas. A Voz Neutra é de um especialista, que apenas faz comentários.

Ao analisar as vozes nos três textos, é possível perceber que Eliane Brum sempre se coloca ao lado da Voz do Oprimido. Isso pode ser percebido, entre outras, por exemplo, nas seguintes Sequências Discursivas:

*Texto 1:*

SD02: “A “menina louca” tinha indagado sobre a estrutura do Estado e da sociedade que a obrigava a dar o primeiro passo para dentro de uma instituição psiquiátrica. Talvez Maria intuisse que esse passo poderia ser longo. Talvez Maria adivinhasse que os dentes do sistema estavam à sua espera, logo ali.”

*Texto 2:*

SD09: “Mais preocupados devemos ficar quando a resposta da Câmara dos Deputados à violência se encaminha para a redução da maioria penal, de 18 para 16 anos, nos crimes considerados mais graves. O que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo?”

### **Considerações Finais**

De acordo com Lima (2010), um texto jornalístico-literário deve fazer com que o leitor tenha experiências sensoriais e entre no mundo que está sendo retratado. Desta forma, é inegável que Eliane Brum, ao escrever para o site do *El País*, cumpre esse papel.

Muitos recursos do jornalismo e da literatura são utilizados para dar voz ao oprimido e ao opressor, como identificamos, mas neste trabalho apresentamos sete.

A opinião da autora, característica que é tida como importante estar presente no discurso do jornalismo literário, foi localizada nos artigos analisados. A jornalista não é imparcial e traz para seus textos *Vozes Oprimidas*, que não aparecem na mídia em geral, e a *Voz do Opressor*, buscando contrapor pontos de vista e carregar seu discurso jornalístico de argumentações e de credibilidade.

Todas as vozes presentes nos textos têm como objetivo mostrar um acontecimento, utilizando no mínimo dois pontos de vista: o do Oprimido e o do Opressor. O aparecimento dessas duas vozes faz com que os artigos de Eliane Brum apresentem uma característica importante para o jornalismo: a polifonia.

As duas vozes representam diferentes locutores. De um lado, pessoas que sofrem preconceito, exiladas, e que têm o direito a uma vida digna roubada. De outro, pessoas de classe média alta e governantes, que são a minoria no país.

É importante observar que os textos analisados mostram uma nação dividida em duas vozes. Há pessoas humildes lutando por igualdade e outras ricas e influentes agindo com ganância, pensando em si mesmo. Vivemos um momento de grandes diferenças sociais e esses problemas renderão muitas histórias a serem contadas por jornalistas.

Conseguimos alcançar nosso objetivo ao verificar que os artigos publicados no site do *El País Brasil* apresentam algumas características defendidas por autores como Edvaldo Pereira Lima (2009), Felipe Pena (2006) e Carlos Rogé Ferreira Júnior (2003).

Observamos também que os artigos apresentam preponderantemente duas Vozes, a do Oprimido e a do Opressor, e que a jornalista Eliane Brum busca sempre se colocar ao lado da Voz do Oprimido. Vale lembrar que o jornalismo literário normalmente é desenvolvido em reportagens, e não em textos de opinião, como é o caso.

## Referências

ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Revista Alceu**, v. 11 - n.º. 21 - p. 16-33 - jul./dez. 2010. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21\\_2.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf)>. Acesso em 10 Out. 2016.

BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meus Desacontecimentos**: a história de minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

FERREIRA JUNIOR, Carlos A. Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**, 1ª Edição. São Paulo: Edição do Autor, 2010.

\_\_\_\_\_. **Escrita Total**: Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. São Paulo: Edição do Autor - Clube dos Autores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas**, 4ª Edição. São Paulo: Manole Ltda., 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª edição, São Paulo, Summus, 1988.

NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Congresso de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos/SP. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>>. Acesso em 03 Set. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8ª edição. Campinas: Pontes, 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2013.